



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

17 DE MARÇO DE 1962
ANO XIX — N.º 470 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Relatório

É uma palavra breve, como que um índice. O ano passado não saiu. Aqui em casa muitos me ralharam. Mas ninguém experimentou a dificuldade de sintetizar um ano de vida que foi sendo revelada no seu dia a dia!

É terça-feira. Manhã. Rezei as Horas Menores do Breviário e folheei o ofício de Vésperas. Cada versículo de cada salmo é a palavra-índice da nossa vida. «Em Ti confio, meu Deus... Porque todos os que esperam em Ti não serão confundidos!» O nosso dia a dia, os nossos anos — decorrem na verificação desta verdade. Não planeamos, não prevemos nem nos prevenimos («Basta a cada dia a sua malícia!»). Tampouco recapitulamos, senão para corrigir e dar graças. E temos bastas razões para as darmos: Quando «os nossos olhos se levantam incessantemente para o Senhor» é «Ele mesmo quem livra do laço os nossos pés».

O Demónio é trabalhador! Inteligente, também! Mas é a negação da Verdade; o germen da insubsistência. As suas construções (laboriosas sempre, engenhosas tantas vezes!) acabarão fatalmente por cair como os castelos de cartas. O nosso dia a dia, os nossos anos — são a confirmação desta verdade!

E aqui temos de como ao longo de dois anos fomos atravessando por entre alguns maus ventos sem levantar ondas nem sossobrar naquelas que o vento faz.

Outro ponto muito importante é o nosso crescimento interior: o amadurecimento da Obra, que é distinto, sem dúvida, da perfeição de cada um, mas não independente do aperfeiçoamento de todos nós.

Se vale o número, se só as evidências exteriorizáveis são sinal — diríamos que nem por isso avançamos... Porém, eu creio que nesta pequena célula da Igreja não poderão medir-se os progressos espirituais do seu conjunto humano senão pela mesma norma com que se avalia a santidade do Corpo total. E no mundo de hoje, tão cheio de mal, a Igreja é mais santa do que em séculos passados, séculos de pureza de vida mais generalizada. É que há a somar aos méritos de então, aqueles outros que a perene

florescência da santidade produz em todos os tempos.

Nesta perspectiva, quantas vitórias a graça de Deus não tem produzido entre os nossos rapazes! Muitas, as de muito brilho? Ao certo não sabemos — nem temos que o saber. A medida de cada um só Deus a conhece, pois foi Ele mesmo que a determinou.

Ainda assim, olhando a pobreza da matéria prima que Deus nos mandou trabalhar; a carência de atenção pessoal, pois so-

mos tão poucos para tantos e tanta coisa a que o serviço deles nos obriga — nós vamos compreendendo cada vez mais fundo que são «os nossos pecados o que mais temos de chorar!»

A esta palavra que tem por sujeito principal os «padres da rua», eu associo todos aqueles rapazes que têm sido chamados a servir connosco os irmãos que

continua na página DOIS

FESTAS

Júlio já foi «atropelado» pela engrenagem que a propaganda, mais D. Burocracia exigem para que a Festa seja e resulte como se deseja. D. Burocracia, pois! Antigamente era mais simples: umas licenças no Governo Civil, não sei quê prá Polícia, mais não sei quê nos Bombeiros — e a coisa ficava arrumada! Mas agora não! É a Inspeção dos Espectáculos! São os direitos de autor! A gente pra cantar uma cantiguinha que corre por aí de boca em boca — ainda por cima com versos quase sempre dos poetas cá da casa — tem de pagar! E é papel selado antes, mais selos depois. Mais esperar que venha a certidão... Uma comedela é que é!

Pois Júlio anda metido nisto. Há dias foi ao Porto. Hoje, domingo, veio perguntar-me se era lícito fazer umas cartas e eu assiná-las. Que sim! Foram prós Rádios do Porto e prá T. V.. E já me foi dizendo que amanhã tem de voltar! (Aqui entre parentesis avisam-se os clientes da Tipografia: Durante a preparação da Festa, o melhor é procurarem outra oficina, que o cabeça desta anda com a sua à razão de juro por causa das voltas e reviravoltas que a Festa dá!)

O Espelho da Moda é outro centro de erupção. O Sr. Carlos Pinto deixa também de ser-

vir o estabelecimento para atender os clientes da Casa do Gaiato mai-los da sua Festa. Há dias, ainda nem sequer os bilhetes estavam impressos, mal ia a entrar, aí vem ele, espumante: «As primeiras filas já estão todas esgotadas. Veja se arranja uma casa só com primeiras filas!» Ora aqui fica a encomenda aos arquitectos especialistas em casas de espectáculo!

Nas outras terras reina também animação. Eu queria dizer de Braga, mas Campanera ainda não regressou da venda com as últimas notícias. Pois será ele mesmo a dá-las aos senhores!

Padre Horácio — o tal que estava um pouco triste com Coimbra e tinha decidido que não — deu o dito por não dito e telefonou praí a dizer que sim, que em Coimbra também haveria Festa. É no dia 2 de Abril no Teatro Avenida.

Em Lisboa é que surge um problema. O Império só está disponível em Maio. A nós convinham-nos as Festas todas pertinho umas das outras, para armarmos a tenda e a armarmos de vez! Ele há outras salas... Talvez pudesse ser no Monumental ou no Roma... Mas o Império começava já a entrar na tradição... e Padre José Maria está pegado a ela! Que dizem os senhores lisboetas?

TOTOBOLA



ideia anda por aí fazendo das suas. Eu gosto muito dela, por variadas razões — não das menores aquela de não saber quem é o seu autor. Acho que

tal pormenor adequa imensamente a sugestão ao seu beneficiário, o Património dos Pobres, pois também este nome saiu da assembleia dos que lêem e reflectem «O Gaiato», em resposta àquele artigo de Pai Américo que anunciava a subida das quatro primeiras casas em Paço de Sousa. E que nome mais lindo?! E que nome mais próprio do que este, de conteúdo tão cheio de doutrina?!

Pois a ideia anda correndo!... Um dia destes um Amigo confienciava-me a sua actividade: «Eu ando a fazer propaganda na roda das minhas relações».

E eu já nem falo daqueles habituais comparsas do Totobola, como nos revela este belo postal do Caramulo:

Irmãos:

Aqui vai o voto (atrasado) para o Totobola da assinante 30.958.

Deus toque no coração de quem de direito, pois ninguém reclamará por ter de dar a mais pequenina moeda.

A benção de Deus para todos nós.

Nem daqueles que tendo aderido à ideia e querendo-a depressa em movimento, dizem por palavras semelhantes às do assinante 19.109.

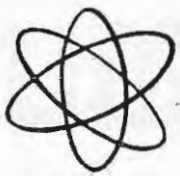
Aproveito também para enviar o meu voto a favor do Totobola. Tive imensa pena que a notícia deste jornal não fosse já uma confirmação. Deus permita que para a outra quinzena nos possam dar essa boa nova.

Ainda mais eloquente é a afirmação de vários, já nesta altura, que eu dou aqui pela pena de um oficial do nosso Exército.

Tenho lido no Famoso a contribuição a prestar pelo Totobola.

Concordo. E, embora não jogue, passo a comprar, se isso acontecer — e Deus queira que sim — alguns exemplares por cada jogo.

Continua na página TRÊS



FACETAS DE UMA VIDA



Ol em 1952. Antes da nossa partida, rumo a África, Pai Américo propusera escrever a sua auto-biografia.

Podíamos ter ido de avião. Mais rápido. Mais cómodo. Mas não. Fomos no paquete «Quanza». Assim, aproveitaria os 10 dias de viagem e escreveria o prometido «De como eu subi ao altar».

Levamos papel e canetas. Insuficiente disposição. E Pai Américo concentrou-se várias vezes. Ora no quarto, ora na esplanada; frente à bela ondulação e aos peixes voadores que me ocuparam horas

sem fim. Nessas alturas, tão absorvido estava que, se eu aparecesse, despedia-me bruscamente — «Deixa-me estar só. Quero estar só!» E, satisfeito, punha-me a andar. Ia para junto do Amadeu Fino ou doutros amigos — e bons! — nossos companheiros de viagem.

Todavia, como Pai Américo, normalmente, descansava mais a ditar que a escrever — sobretudo nas poucas vezes em que me chamava para escrever, eu respondia, com certa ironia: — Vamos pró «De como eu subi ao altar?»

— Não!
Era um não seco. Até que após uma vez e outra e mais outra não resisti: — Por que não escreve?!
— Não sou capaz! Por causa do eu. Não consigo eliminar o eu!
E foi um pronome pessoal que obsteu à composição do livro!

Ainda insisti. Muitas vezes até, com certo vigor. Falei no interesse da verdade para a história. Da verdade toda. Mas o eu repugnava e não houve processo de o eliminar e substituir.

Ora este introito vem a propósito de quê? Uma biografia é coisa muito séria. Não é um romance qualquer. E, para ser com b maiúsculo, precisa de amadurecer. O fruto não se come verde. Sabe mal e prejudica o organismo. Assim neste caso. A biografia de Pai Américo não pode fazer-se de um dia pró outro. A sua vida foi de tal forma cheia de grandezas escondidas, «os episódios, as lutas, os fracassos, as vitórias — a Graça e a liberdade», que uma precipitação é deselegante, mesmo parecendo feliz aos olhos de quem, ávido de best-sellers, se diz amigo.

Por isso, e na esteira de cartas e testemunhos aqui postos em letra de forma, temos hoje mais um, colhido há cerca de dois anos, na bela cidade de Lourenço Marques — uma cidade jardim — que tanto adoro, mais pela fidalguia da sua gente, que pelas belezas que disfruta.

Vai falar o Snr. Rafael. Um dos «Encanecidos». Ele foi chefe da estação dos correios do Chinde e bom companheiro de Pai Américo. Ouçamo-lo:

★
QUANDO E ONDE O CONHECI
Foi no Chinde, em 1911. Teria

ele nessa altura 23 anos de idade. A sua chegada ali deveria ter sido em 1905 vindo directamente de Portugal. No Chinde encontrava-se seu irmão Jaime de Aguiar, Gerente da Companhia da Zambézia.

Américo de Aguiar era empregado na British Central Africa, estabelecida na Concessão Inglesa do Chinde, como Despachante Oficial. O Gerente da British Central Africa era um inglês de nome J. Dancan, que tinha por Américo de Aguiar, grande simpatia e a máxima confiança.



A REPÚBLICA DO «CARAPAU FRITO»

Logo após a minha chegada ao Chinde (1911), fui companheiro de casa de Américo de Aguiar, tendo nós organizado a chamada República do «Carapau Frito», limitada apenas a mais dois rapazes, (Mourão, do Banco Ultramarino e Almeida, da Alfândega), mas não faltando ali alguns amigos — pelo menos à noite. Entre eles cito: Gil Medina, Capitão Valdês e Dr. Hermínio Gomes. Com'a-se, bebia-se, havia alegria e guitarradas.

Américo de Aguiar participava nas brincadeiras de toda a rapaziada; mas nunca se notava nele aquela expressão própria dum rapaz folgazão.

Fugia a certas conversas da rapaziada; as palestras dele eram todas cheias de moral.

Todas as Senhoras Inglesas que residiam na Concessão tinham por Américo de Aguiar uma grande simpatia e estima. Algumas delas foram por vezes à nossa «República» tomar chá. Iam convidadas de Américo de Aguiar e era ele que fazia as honras da casa. Com toda a sua simplicidade e maneiras cativantes.

Uma senhora Inglesa, (talvez Miss Crosby) durante um chá fez-lhe esta pergunta: «Aguiar, quando se casa?» Resposta: «Dificilmente me prenderei...»
E por aqui se ficou.

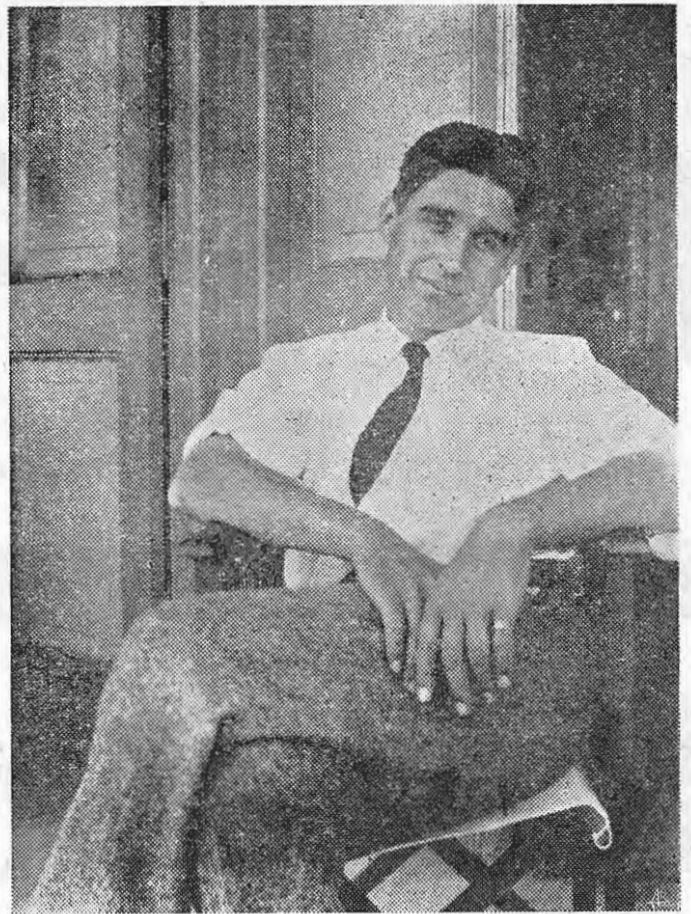


AMÉRICO DE AGUIAR ERA UM MÍSTICO

Foram sete anos que convivi com ele, mas nunca consegui aprofundar o que se passava no seu íntimo; nunca descobri a razão da sua melancolia. O seu todo de bondoso e amigo dos amigos, apresentava um rapaz que sempre se comovia e lamentava aqueles a quem por vezes o infortúnio batia à porta.

Américo de Aguiar tinha na sua alma, talvez, coisas, que a ninguém revelava.

Era um misterioso, um contemdemasiado evidente mesmo, que teria levado sempre, vida misteriosa e sem interesse, que nunca praticava loucuras, ou sequer o mais elementar flirt.



No Chinde quando ainda Américo de Aguiar

As suas opiniões eram sempre demasiadamente simples e honestas para não serem valiosas a quem quer que fosse.

Nunca notei que ele praticasse uma má acção ou dissesse na ausência de alguém o que não fosse capaz de repetir com a mesma simplicidade, na sua frente. Talvez por isso mesmo raramente se via envolvido em questões desagradáveis.

Eu penso hoje que no íntimo da sua alma já existia qualquer coisa a que os seus pensamentos levaram a fins nobres e muito humanos e que no seu coração já palpitavam todos os sofrimentos; a pobreza e os seus aspectos eram-lhe sempre dolorosos.

plativo. No entanto era evidente, Seria a razão do seu quase permanente fundo de tristeza?

Era Católico, Apostólico, Romano. Embora naquele tempo não fosse um católico praticante.

Por vezes discutia com ele assuntos sobre a religião. Para ele, a sua religião e o valor da mesma, estavam nos Mandamentos da Lei de Deus e nas Obras de Misericórdia. Nos primeiros o respeito que todos devemos ter uns pelos outros; nas segundas, o dever de praticar boas obras e socorrer os que mais precisamos.

E Américo de Aguiar, muitos anos depois, bem demonstrou que a sua religião tinha por base as Obras de Misericórdia — dar de comer a quem tem fome, vestir os nus e dar pousada aos peregrinos.

Apontamentos de
Sebastião Marques Rafael

RELATORIO

continuação da página UM

as gerações vão sempre renovando.

E que dizer dos doentes do Calvário? Ai o brilho das vitórias é ainda mais pálido. Mais pálido aos olhos de carne, porque o orgão adequado a tal visão chama-se Fé! Quantas almas não estarão no Céu intercedendo pela Obra que as ensinou a aproveitar no mundo o Purgatório?! Ver... não vemos, nem ninguém vê estes triunfos. Mas nós sentimo-los.

Ainda assim, a eficácia mais palpável da nossa acção verificase no mundo dos que de fora da Obra ganharam direitos de cidadania nela pelo amor que lhe consagram e que confessam ser devido, na medida em que foi a Obra que os ensinou a amar.

Grande missão é esta na verdade! Aqui, mais frequentemente Deus fortifica a nossa fraqueza, algumas vezes mal ferida pelos insucessos de dentro. «Feliz do que cuida do Pobre...» «Feliz de quem pôs no Senhor a sua esperança...» Ainda, e sempre, é o Salmista quem exprime melhor os mais fundos sentimentos da alma fiel!

Resta dizer o que fizemos... Seria essa, mesmo, a parte substancial do Relatório!

Isso foi o que se disse dia a dia, quando os trabalhos foram sendo. Trabalhar, trabalhou-se sempre, muito, neste canteiro da Vinha. Quanto se fez, teve a profunda intenção de servir como instrumento ao que julgámos o bem dos nossos Rapazes, dos nossos Doentes, dos nossos Pobres, das almas que comungam — sobretudo pel'«O Gaiato» — na nossa vida. Este é, para nós, o único título da sua valorização.

Uma palavra, ainda, voltada para o futuro.

O Reino de Deus não é deste mundo. Mas este mundo deve ser Reino de Deus. Foi para a realização deste fim que Cristo veio e nos chamou pelo caminho d'Ele.

Nós acreditamos, que jamais se servirá melhor a cidade dos homens do que agindo nela em busca da glória de Deus, movidos pela suprema força do Seu Nome.



Chales de Ordins

Eis-nos no mês de Março. Vem aí a Primavera e as tecedeiras de Ordins vão preparar o seu jardim. Em quatro palmos de terra há-de cada uma semear um pouco de alegria e frescura. Cada tecedeira terá o seu jardim e o seu lar terá o asseio duma flor. Alegria, trabalho, asseio e limpeza: queríamos que fosse assim cada lar deste cantinho por onde passou o Pai Américo.

Pobreza e limpeza; trabalho e asseio sempre rimaram e sempre poderão encontrar-se. Limpamos os lares para depois limparmos as consciências; asseamos o trabalho para afugentarmos o ócio.

Um jardim e uma horta e haverá menos horas de taberna. (Dá gosto ver crescer o que passou pelas nossas mãos). Menos horas de taberna, são menos dezenas de

maus exemplos, menos centenas de palavrões e mais amor ao lar...

Comecei no jardim e já fugi para o lodo. E eu queria falar-vos dum outro jardim cujas flores são as senhas da carne, o leite às crianças, o médico e o remédio aos doentes, o auxílio ao estudante e as boas leituras. Há poucas sementes para este canteiro. Alguns dos nossos poucos sócios benfeitores denotam cansaço; donde virão substitutos para os que partem e companheiros para os que ficam?

As senhas da carne a cinco ou seis lares, limpam o cofre do lactário. E, se cada um dos nossos amigos se lançasse numa obra de conquista? Se cada um agregasse a si um companheiro? Seria o dobro o número dos que fazem bem e duplicaria o número dos

TEATRO AVENIDA—COIMBRA

2 DE ABRIL — ÀS 21.30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

TEATRO CIRCO—BRAGA

7 DE ABRIL — ÀS 21.30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda nas bilheteiras do Teatro Circo

TRABALHO

Depois daquele apelo de há meses, muitos foram os que responderam, numa afirmação do muito carinho que nos dedicam. Houve que redobrar de esforços e responsabilidade para que os nossos clientes não ficassem desiludidos. Comprámos uma máquina que o Snr. Governador Civil de Lisboa, nosso grande Amigo, veio inaugurar, aproveitando a oportunidade para ver toda a nossa Casa que achou maravilhosa.

Com esta máquina (de 300 contos!) a nossa responsabilidade aumentou. Temos obrigação de servir melhor aqueles que por amizade procuram as nossas oficinas de Tipografia. E há que ter em conta que a vida está de tal maneira que não se pode atrazar o passo. Temos de caminhar certinhos. E só o faremos quando nos concentrarmos todos no mesmo plano de acção. Trabalhar.

Tudo se faz para engrandecimento dos nossos rapazes.

Nada se coloca de novo numa oficina que não seja com o pensamento nos nossos rapazes. É por isso que cada vez mais nós chamamos à responsabilidade aqueles que são beneficiados por este ou aquele melhoramento.

Que este esforço de apetrechamento marque em cada um o início de um ressurgimento profissional digno e honesto para bem de todos nós.

Resta-nos dizer que os nossos amigos continuarão a ter um papel importante neste nosso plano de trabalho. As vossas encomendas são necessárias mais do que nunca. Esperamo-las. Porque nós precisamos acima de tudo de trabalho. Sem ele, as máquinas não terão razão de ser. Sem ele, ficam mais de uma dúzia de rapazes a perder tempo. Sem ele, não haverá acção. Têm a palavra os nossos amigos de Lisboa.

Cândido Pereira

TOTOBOLA

continuação da página UM

Já vêem os Senhores que a ideia é aceite — e bem aceite! — por gregos e troianos.

Eu estou em crer, que o Totobola, no dia em que concorrer também de um modo tão eficaz quão simples para a habitação do Pobre em condições dignas de seres humanos — estou em crer que nesse dia o Totobola crescerá de prestígio e fará ainda maior clientela.

Estou tão possuído desta certeza, que, reforçado por estas vozes de alerta de que aqui deixo um pálido som, continuarei a bater à porta dos que têm nas suas mãos a chave, lembrado daquele outro que o Evangelho conta que, de tanto bater, de tão importuno se tornou, acabou por ver a porta aberta e ser servido.

Vamos a ver se «para a outra quinzena» eu já terei e poderei dar aos leitores que seguem esta coluna tão ansiosos como eu, a consoladela de «uma confirmação», a alegria d'«essa boa nova».

que recebem sem saberem de quem. Seria fácil: uma viagem de eléctrico a menos no mês, dois cafés que se não tomaram, sei lá, qualquer coisa a menos e já estava um mês cumprido. De um tostão até quanto quiserem, tudo pode ser uma quota mensal a favor do lactário.

Depois vêm as férias. Com elas as contas que os estudantes terão de saldar. Só os poderei ajudar, se me ajudarem. Eis o nosso jardim que precisa de sementes. Deus e vós, eis a seiva destas flores. O Padre Aires deixou-me este jardim, ajudai-me a mantê-lo viçoso.

x x x

Obrigado M. Júlia, Maria da Saudade, M. D. de Ponte de Sor e Avó de Moscaide, cá recebi as vossas ofertas.

Seguiram pelo correio:

1 chale dos pequenos para Alcobaca. 3 chales e duas camisolas para as vítimas da cheia do Douro, oferta dum Engenheiro das Minas da Panasqueira. 20 para o Ministério de Saúde e Assistência. Pedidas de Angola, seguiram para Lisboa 2 echarpes e 4 camisolas. 1 Carpete e 1,50 para Coimbra. 8 chales e 6 camisolas para Lisboa. 5 chales para Galveias; 1 dos pequenos para Abrantes; um médio para as Caldas da Rainha e outro para Foz-Coa. 1 dos grandes para Barcelos e outro para o Porto. 1 echarpe para Damaia. Obrigado, Branca Coimbra pela oferta dos dois chales para o Barredo; já seguiram os Tapetes e as pegas.

Que Deus abençoe no Céu os Seus amigos da terra.

Padre Pires



CALVÁRIO

Passo vezes sem conta a velha ponte de D. Luís. Para um lado e para o outro. Como eu, milhares. Cada qual no seu ofício, quem no Porto trabalha-se. E só ontem parei para ver detalhadamente o quadro. Não digo o ribeirinho, que esse a ninguém escapa, mas o da rua que desce logo à direita de quem entra em Gaia. A calçada escorregadia não é convidativa. Afugenta mesmo. Só por razão muito forte lhe pisamos as lajes graníticas. Quase a meio, porta sempre aberta franqueiamos a passagem. Transponho-a por mãos de vicentinas. Estamos em pequeno pátio cercado de moradias térreas, sem conforto. O ar enjoado dos adultos que espreitam e a tristeza macilenta dos rostos infantis que nos fitam dizem que ali não apetece viver. E não. Quem pode sentir-se bem nas montureiras? — É aqui, — dizem-me. Barraca de madeira e tijolo mal coberta de telhas partidas, por onde escorre a água da chuva, tem aparência de cortelha ou abrigo mísero de galináceos. Entro. Dois metros por um e meio são as dimensões exactas do aposento. A um lado, estreito leito com enxerga à vista retém velhinha entrêvada, coberta apenas com manto fraqueto. Vozes de compaixão inteiramentes daquele viver. Ficamos atordados com que os nossos ouvidos escutam. No chão enlameado pernoita um neto; na camita, tão escassa para a pobre enferma, dormem ainda a filha e a neta, esta já à espera de ser mãe com dezassete anos! A miséria arrasta sempre miséria! E esta é tantas vezes imerecida! Pobres vítimas que o mundo condena. Saúdo a velhinha e obtenho em resposta ataque de tosse cavernosa a dizer quanto mal reina naquele corpiço imobilizado, quase ao relento, sem roupa, nem medicação. Mas o mal maior está aqui: diante do imperioso, surge a pasmaceira e indiferença. Tratando-se de caso fatal, se não for hospitalizado com urgência, o mundo, o nosso mundo, enfrenta com pavorrenta moleza as necessidades alheias, sobretudo as dos mais diminuídos! Creio que as vicentinas não dormiram naquela noite. E não tenho remorso de lhes roubar o sossego. Sei bem quanto a existência da miséria é a maior censura que o Senhor faz ao mundo de hoje.

Ainda por via de irmãos, que gemem, subo de novo à ponte, e salto a outro extremo da cidade. Barracas desalinhas fumegando acusam vida. Cor, cheiro, desorlem, falam de miséria. Crianças mal vestidas e sujas barram-nos o caminho com um dê-me um santinho. Ao ouvi-las fico pesaroso por elas não saberem pedir-me mais do que aquilo; por elas não suspeitarem que as amo; por não pedirem que as ame! E fico a amá-las mais. Duas, que já conheço, vão comigo pela mão. Entro na barraca delas, que é a derradeira deste comboio de tantas. Venho saber de notícias. Tudo aqui é extremamente pequeno.

Estou entre duas camas que cobrem toda a área interior, da reduzida vivenda. Numa a avó paralítica recolhe-se com três netos; na outra, os pais destes dormem com um recém-nascido. A mãe deste viera do Sanatório para ele ali nascer ou talvez (não inquiri) porque ele não podia nascer em lugar mais decente, sendo pobre.

— Olhe que estes meus netos andam já a tratar-se. Estão também tocados. É só o caldo na maioria dos dias! — Destapo a panela e vejo um resto de sopa. Diz-me a velhinha que a fazem só de três em três dias. Não sou capaz de balbuciar mais nada. Saio em silêncio, mas no íntimo agradeço por me exigirem amor, e sacudirem a indiferença em que tão facilmente caímos.

Mais além, num aido, uma velhinha calisbaixa. Vizinhas acercam-se e contam mais uma história. Filha da pobre doente acorre e conta também sua dor. Estamos em face de pobre demente. — Não temos onde a deitar que ela suja-se! — dizem-me. Fica na cozinha em cima desta rede de pesca. Mas gela com frio, assim no chão! — acrescentam. Per-

gunto por agasalhos. Que não têm. Dorme vestida. E que prô-mês é em casa doutro filho. Vou ver. No leito um pobre pescador paralítico. Este narra-me a desdita. Que vai num ano. Que é ele a mulher e três filhos ali dentro. Os pequenos deitam-se no colchão que de dia se enrola para dar espaço. Ainda, no mesmo e único compartimento de tábuas podres, fica a sogra embrulhada naqueles trapos, nos meses que calha recebê-la. Não escuto mais. Nem posso. Corro ao Porto em demanda de socorro. Comunico inquietação. E fico contente, porque naquela noite a pobre inválida repousa mais quentinho em colchão de palha.

Poderia dormir tranquilo se este fora caso singular. Mas quantos por aí fora! Quantos! É sempre arrepiante e doloroso até, compungir as máguas alheias. Às vezes é arrazador. Por isso todos fogem. Mas faz-nos bem. Precisamos desta comunhão. Que bom para nós se a miséria dos outros nos tirar o sono e roubar o apetite. Deus não permita jamais, que andemos alheios aos problemas dos irmãos.

Padre Baptista

Filhos de Pai incógnito

«Junto, envio-lhe esta notícia que tirei de «O Século», de 31-1-1962, para você se documentar mais sobre o assunto que tanto e tão bem tem sabido debater nas colunas de «O Gaiato» desse grande Homem e grande formador espiritual de homens que foi o saudoso Padre Américo: Filhos de pai incógnito.

Esta pobre rapariga da freguesia de Salzedas, com 18 anos apenas e solteira, depois de um crime contra ela, cometido por um sedutor sem consciência, crime esse que pelos vistos passa impune à justiça, acaba de cometer outro cuja causa se fundamenta no anterior.

Ter um filho é na verdade contrair um encargo para com Deus e para com a sociedade.

Mas a mulher, só por si é incapaz de o contrair. O seu cúmplice, o seu instigador, o seu encobridor ou receptor é réu como ela; é criminoso também; é abusador e violador da pessoa alheia — templo do Espírito Santo. Não só roubou a liberdade à rapariga co-

mo também roubou a paternidade e a quota parte do sustento a um inocente. Foi ele que contribuiu, indirectamente, para a morte da criança.

E somos nós um País civilizado, católico...

Pobre Portugal que tanto precisa de homens e, em pleno século XX, ainda toiera crimes dos sem civilização.

Não desanime. Não desista...

Deus é e será sempre um Pai, não um padrasto...

A vossa Obra é um paradigma.

Que bela carta, que nobres sentimentos! Alguém, escreve o que sente e deixa-nos ver ao longe o muito que se poderia evitar tomando por princípio cortar tomandos que são, pela liberdade demasiada que se dá.

É o esquecimento de Deus que mata o mundo, e constroí, entre tantos males, o mal terrível que é a mãe «solteira»!

A falta de Deus é a causa verdadeira dos filhos de pai incógnito!

Ernesto Pinto

COLISEU DO PORTO

5 DE ABRIL — ÀS 21.30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54; e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.

★ BELEM ★

As belenitas também querem contribuir para a aquisição da Casa Nova. Como? Confeccionando alguns pequenos bordados e rendas que depois serão vendidos. Exceptuando as duas mais velhas que, de resto, têm quase todo o tempo ocupado com os trabalhos domésticos, todas frequentam ainda a escola. Por isso, será pequeno o número desses trabalhos, quase só executados ao serão. Em todo o caso, é um bom processo de as levar a tomar parte na luta pela aquisição do seu próprio Lar. Assim aprenderão a dar-lhe todo o valor e será depois maior o cuidado com a sua boa conservação e arranjo.

A execução desses trabalhos continuará a ser orientada, como até agora, por um grande espírito de economia. Assim, ter-se-á a preocupação de aproveitar os tecidos e linhas que nos forem enviando. Aqui fica, pois, o nosso apelo aos comerciantes da especialidade e às Senhoras nossas amigas que tenham lá por casa retalhos ou linhas de que já não necessitem. Também precisamos de lã em fio, para confeccionar uma manta igual a várias que aqui temos, mas mais perfeita, afim de ser posta à venda. Agra-

decemos ainda que nos enviemos riscos bonitos e simples, próprios para serem executados por crianças.

Já temos alguns trabalhos prontos. Proponho que a sua venda seja feita do seguinte modo:

Expôr-se-á cada trabalho na montra de casa comercial que para isso se ofereça, no mesmo domingo em que será anunciado no «Famoso». Permanecerá exposto por espaço de oito dias, sendo previamente calculado o preço mínimo. Passados esses oito dias entregar-se-á à pessoa que mais tenha oferecido por ele.

Quando pensava em tudo isto, o primeiro estabelecimento que me veio à ideia foi «O Espelho da Moda» no Porto, por ser o que até hoje mais esmolas tem canalizado para Belém. Pois «O Espelho da Moda» que diga, por favor, se está de acordo!

Quanto a Viseu, o primeiro trabalho será exposto na casa comercial que primeiro nos dispensar um cantinho da sua montra.

Agora outra iniciativa, esta partindo de escritora portuguesa, já muito conhecida e que dá pelo pseudónimo de Maria da Soledade.

Ofereceu-nos livros da sua autoria, para serem vendidos em Viseu, a favor da Casa Nova. A «Livraria Lumen», do Largo General Carmona, aceitou o encargo. Os nossos amigos podem lá procurar «A Fonte de Siloé» — romance; e «D. Gonçalo da Silveira» — narrativa histórica — ótima leitura para crianças e adolescentes.

E continua a nota das presenças.

Engenheiro da nossa cidade visitou-nos, com a Esposa e Filhinhos, e entregou nota de mil. Um Senhor Coronel também veio a nossa casa entregar 100.

O Mestre de Obras de Agueda voltou com mil, em acção de graças à SS. Virgem pela felicidade dos seus 10 anos de casado. Outro tanto de «um Abade do Norte».

Com um cheque de mil «satisfazo hoje o meu grande desejo de contribuir para a compra das vossas futuras instalações».

Vale de 500 dum Major que afirma: «Cria que me sinto feliz por ter nesse cantinho das pequenitas um torrão de terra, porque para mais não poderá chegar a minha ajuda».

Senhor Padre José Maria enviou cheque de mil e trinta escudos, total dos donativos recolhidos no Montepio Geral de Lisboa.

A Senhora que quer contribuir com o dízimo do seu trabalho, enviou 200. Dois vales de 100 — um de Santarém e outro de Aveiro. Mais 100 de «uma serrana».

Agora este pedacinho de carta, em nome dos vários que aprovaram a ideia:

«Aprovo a ideia do Senhor que sabe fazer contas (16.000 assinantes X 50\$ = 800.000\$). Ai vão os meus 50 escudos. Por minha causa não fique a quinta por comprar. E Deus permita que eu ainda um dia lá possa ir fazer uma visita».

E seguem todos os que compareceram com 50: Um Sacerdote de perto de Coimbra; Maria do Céu e Marido; Casal de Braga e Pai da Menina Gracinda, com a costurada quota mensal; Amiga de Serpins; «uma grande amiga» de Lisboa; S. Hidráulicos de Elvas; assinante n.º 32475 (e mais um pedaço de flanela); uma «Professora Francesa»; e de Gondomar.

De Moimenta da Beira 20 e outro tanto de Maria Eugénia, pedindo orações. Mais 20 de Geraz do Lima. 100 de Moçambique e 200 de Penhascoso. Quota mensal da Farmácia Confiança.

Mais este pedacito de carta: «Tenho seguido com muito interesse a Obra e julgo-me na grata obrigação de a ajudar e desta maneira apagar os meus pecados da mocidade que hoje tanto deploro. Envio a ínfima quantia de 20 escudos e prometo enviar o mesmo todos os meses até ao pagamento da propriedade para as novas instalações das belenitas».

Recebemos peças de roupa de Lisboa, Nisa, Paço de Arcos e Viseu. E terminou.

Feitas as contas, verificamos que desta vez só podemos desti-

Um testemunho

«Na profissão de jornalista há três elementos que são da maior importância: a liberdade de expressão sem que faça perigar a liberdade dos outros; a verdade, que é extremamente difícil de definir do ponto de vista jornalístico, mas que consiste em expôr objectivamente a realidade das coisas; e, finalmente, a caridade, ou seja, a necessidade, o desejo de levar ao conhecimento dos outros a verdade assim conhecida».

Cardeal Montini

PELAS CASAS DO GAIATO



A FESTA EM BRAGA

A noticia sempre foi confirmada. Será no próximo dia 7 de Abril, à noite, no TEATRO CIRCO.

Já há vários anos que não iam os cidadãos dos Arcebispos e, o ano passado, tudo correu bem. Esperamos que, este ano, se repita o mesmo êxito.

Não esqueça a boa vontade que mostram os nossos amigos, para que a festa corra bem: o Sr. Engenheiro, a senhora dos Doces e a Senhora do Mel e todos os nossos amigos bracarenses — que são tantos!

Podem, já, marcar os bilhetes! E metê-los na carteira. Porque se se reservarem para o fim podem não arranjar lugar. As bilheteiras do Teatro do Circo estão às vossas ordens.

Aproveitando a ocasião quero, também, dizer aos senhores de Braga que a venda do nosso jornal não está sendo lá muito boa! Para uma cidade como esta, 160 jornais não é nada. Eu sei que temos aí muitos assinantes, mas cá no ficheiro, ultimamente têm entrado poucos. É preciso despertar mais e mais!

Fausto Teixeira

TOJAL

A NOSSA CONFERÊNCIA — Reuniu pela primeira vez este ano, no dia 12 de Fevereiro. Tivemos um período de muito trabalho que não permitiu a continuação das nossas reuniões. No entanto podemos informar que a esmola nunca deixou de ser entregue.

Temos lutado com falta de esmolas para os nossos pobres. Aproveitamos por isso o ensejo para pedirmos aos nossos leitores que não se esqueçam deles. Roupas e medicamentos são coi-

nar à Casa Nova 5.000\$00.

Precisamos, portanto, agora só de:

773.500\$00

— 5.000\$00

768.500\$00

Quando estas notas caírem sob os olhos dos estimados leitores já estamos nos meados de Março. O mês de Março é consagrado a S. José. S. José é o nosso ecónomo e nele ponho toda a confiança. Ele, que conseguiu um abrigo para Jesus e Maria, quando as portas das casas de Belém se lhes fecharam; Ele, que pôs todo o amor no ajustamento da pequenina casa de Nazaré, onde a Sagrada Família viveu feliz; Ele, que corajosamente tomou o caminho do Egipto, para salvar Jesus das mãos sanguinárias de Herodes e aí se lançou com denodo à construção de nova moradia—Ele há-de conseguir-nos, com Jesus e Sua Mãe, o milagre da Casa Nova para as belenitas que foram confiadas à sua guarda.

A todos um bem-haja da,

Inês — Belém — Viseu

sas que continuamente eles precisam. Desde já agradecemos em nome dos nossos pobres.

FUTEBOL — O nosso grupo de futebol entrou num período de trabalho intenso. Todos os domingos tem disputado encontros com equipas que começaram a ter conhecimento de um pouquinho de valor que os nossos rapazes têm alardeado ao longo desses encontros.

Ao apelo lançado numa das crónicas ninguém respondeu, pelo que voltamos a insistir no pedido de uma bola de futebol e alguns equipamentos que estejam já arrumados para qualquer canto. Bem hajam.

Canlido Pereira

SETÚBAL

— Estamos à roda do jardim fronteiro. Senhor Padre Horácio e Senhora Professora também estão.

— Olhem práquilo!...

É o Jorge — o pequenito que guarda as nossas vitelas. Ele e uma delas estavam como que embevecidos um no outro. Só queria que pudesses ser testemunha. Ele a afagá-la com as mãos, ela encostadinha a ele, recebendo e regalando-se com as carícias. A Natureza mãe educadora.

— Futebol. Hoje foi um delírio em nossa casa. Fomos visitados pelo Clube «Os Celtas de Setúbal», chegaram, viram os nossos «miudos», e acharam-nos pequenos para jogarmos com eles. Entraram pró campo convencidos da vitória fácil. Foi outra lição do sapato e da lebre. Os nossos rapazes, com brio e galhardia, deram uma liçãozinha aos nossos adversários.

O resultado de 13-0, diz bem com o esforço, com a vontade que tivemos. Procurámos e lutámos pela vitória, mas puzemos em relevo a correcção e o desportivismo.

Os nossos adversários alinharam com: Rafael, Piedade e Almeida; Travassos, Soberal e João; Santos, Gomes, Salvador, Bordalo e José.

Ernesto Pinto

LAR DE COIMBRA

— Caros leitores, mais uma vez aqui estamos a dar notícias do nosso Lar.

Falamos hoje na nossa festa no Avenida, que será no dia 2 de Abril, onde esperamos a presença dos nossos amigos de Coimbra para com eles passarmos duas horas de confraternização.

Pedidos de bilhetes, para o nosso Lar, pelo telefone 24648, que nós os levaremos a casa de cada um.

Todos ao Avenida no dia 2 que lá os esperamos de braços abertos.

— Caros leitores, um pedido da Senhora do Lar. São chitas, que nos fazem uma falta enorme: Caros leitores, mandem alguma peça que esteja esquecida e que não vos faça falta. Queremos agradecer à Casa Carmo desta cidade que já nos mandou alguma coisa mas não chegou. Aqui ficam os nossos agradecimentos.

Já que estamos em maré de pedidos, agradecemos que alguns dos nossos leitores nos enviassem umas bolas de Ping-Pong. Talvez o nosso amigo do Ermezinde se lembre de nós, mais uma vez. Mandem, que nós agradecemos.

João Hingá

★ TRIBUNA de Coimbra ★

A NOSSA FESTA NO AVENIDA

Era para não ser este ano, mas os nossos rapazes e muitas pessoas amigas querem que seja. Será dia 2 de Abril.

A falta de calor de muitos dos nossos amigos coimbricenses e os nossos muitos afazeres e a ausência dos nossos rapazes que nos têm ajudado nos anos anteriores e agora impossibilitados pelo serviço militar fizeram-nos arrefecer. A festa dá tantos cuidados e tanto trabalho a preparar e nós fazemo-la com tanto amor que até achamos uma profanação o desinteresse que observamos em muito boa gente.

No primeiro ano ficámos muito satisfeitos com todos. O ano passado, apesar do ambiente cheio de carinho da assistência, esmorecemos um pouco pelas clareiras que se viam na sala, embora a tivéssemos passado quase toda.

Em Coimbra, berço da Obra e onde temos encontrado todas as facilidades e tão boas vontades para a organização da festa, não temos porém sentido a paixão do amor e da presença em todas as pessoas. Por isto mesmo julgávamos ser maçadores com a festa de este

ano e não a queríamos fazer.

Há anos que assistimos à festa no Coliseu do Porto e é sempre a mesma multidão quente. Dias antes já não há bilhetes e ficam logo marcados muitos lugares para o ano seguinte.

Em Lisboa e Setúbal, onde se fez a festa nos dois últimos anos, sentimos também muito fogo de amor.

Apesar deste nadinha de desânimo da nossa parte vamos para a frente com confiança. Pedimos às pessoas que não possam ou não queiram assistir que não comprem o seu bilhete. Interessa-nos muito mais a presença do que o dinheiro. As nossas festas são um convívio de amor. Nós queremos amor. O dinheiro vem por acréscimo.

Tenho bem gravadas na alma as palavras daquela Professora do Liceu que, o ano passado, no dia seguinte ao da festa, dizia às suas alunas: **Olhem meninas, a festa dos Gaiatos devia ser vista de joelhos. E devia ser uma cada mês e não uma vez no ano. Nós precisamos muito de quem desperte a nossa consciência.**

É por causa desta e de outras pessoas que temos de ir ao Avenida. E vamos, se Deus quiser, no dia 2 de Abril.

Padre Horácio

